

## Práticas culturais

**José Francisco Martins Pereira**

**Flávio Luiz Carpena Carvalho**

**Ailton Raseira**

**Antonio Roberto Marchese de Medeiros**

Dentre as práticas culturais para o cultivo do pessegueiro, destacam-se o manejo do solo, a poda e o raleio, além da limpeza do pomar, da adubação e irrigação, estas tratadas em outros capítulos. Aqui trataremos do manejo do solo.

## Manejo do solo

O pessegueiro é uma frutífera que responde muito bem às práticas de cultivo do solo durante a fase vegetativa da planta. Entretanto, o solo movimentado é mais facilmente erodido, o que requer a utilização de medidas que previnam a erosão.

Essa espécie apresenta bom desenvolvimento em solo permanentemente cultivado, porém, essa prática, em certos casos, tem diminuído os teores de matéria orgânica do solo, deixando-o mais sujeito a perdas por erosão. Por essa razão, o recomendado é manter o solo limpo, apenas na linha das plantas.

Ao realizar-se o cultivo do solo, deve-se ter em mente os objetivos que se deseja atingir, ou seja:

- dar, aos pessegueiros, as melhores condições de suprimento de água e nutrientes, evitando-se a concorrência de invasoras durante a estação de crescimento;
- evitar a compactação, facilitando a aeração do solo;
- prevenir a erosão.

Os melhores locais para o plantio do pessegueiro, geralmente, são terrenos inclinados, portanto, sujeitos à erosão quando mal trabalhados. Daí, a importância da execução das práticas de cultivo nos períodos mais adequados, isto é, menos sujeitos à ocorrência de chuvas pesadas.

### Manejo do solo nas linhas das plantas

Na linha de plantas, deve-se proceder ao revolvimento de uma fina camada na superfície do solo. Essa prática, sempre que possível, deve suceder à adubação nitrogenada, a fim de promover a incorporação do adubo. Dessa forma, evitam-se perdas por evaporação e aumenta-se a eficiência do fertilizante, principalmente se for usada ureia como fonte de nitrogênio. Convém salientar que o cultivo (limpeza do solo) não elimina a necessidade de adubação nitrogenada.

A eliminação das espécies invasoras deve se restringir à área explorada pelo sistema radicular das frutíferas. Em muitos casos, dependendo das espécies invasoras presentes, do regime de chuvas e da disponibilidade de mão-de-obra, a capina manual torna-se impraticável ou ineficiente. Nessas situações, o fruticultor deve utilizar herbicidas. Uma capina eficiente seguida de um herbicida pré-mergente permite, em certas situações, que a área tratada fique livre das plantas invasoras por um período superior a 5 meses.

Podem também ser utilizados herbicidas com ação pós-emergente; nesse caso, entretanto, as invasoras devem ter altura máxima de 25 cm. Geralmente, herbicidas pós-emergentes não têm ação sobre as sementes, pois são desativados pelos colóides do solo.

### **Manejo do solo nas entrelinhas das plantas**

Em pomares localizados em áreas com declive acentuado, é aconselhável a manutenção das entrelinhas relvadas para proteção contra o arraste de solo em períodos chuvosos. A vegetação nas entrelinhas deve ser de porte baixo, ou mantida roçada durante a fase vegetativa do pessegueiro.

O cultivo de leguminosas nas entrelinhas, durante o verão, seguido de uma gramínea no período de inverno (fase de repouso do pessegueiro), tem reflexos positivos sobre a produtividade. A massa verde produzida pela leguminosa cultivada no período de verão é incorporada ao solo antes da semeadura da gramínea que, nessas condições, vegeta vigorosamente. A palha da gramínea pode ser ceifada na primavera e utilizada como cobertura morta sob a copa dos pessegueiros.

O cultivo de leguminosas de inverno nas linhas de plantas é uma prática que vem sendo adotada por muitos fruticultores nas últimas décadas. A ervilhaca (*Vicia* sp.) pode ser cultivada durante a fase de repouso hibernar da frutífera. Dependendo das condições locais e da cultivar de pessegueiro, poderá haver competição entre a leguminosa e a frutífera na fase final de formação do fruto, com interferência negativa sobre a produção.

Quando isso ocorre, faz-se necessária a adoção de alguma prática cultural (capina, ceifa ou herbicida) para se interromper o ciclo vegetativo da leguminosa.

Tem sido adotado, na região colonial de Pelotas, RS, o cultivo de aveia-preta durante o período de inverno, o que vem tendo boa aceitação entre os produtores. Dados experimentais comprovaram que a palhada da gramínea ceifada durante a primavera e utilizada como cobertura morta sob a copa dos pessegueiros, mostrou reflexos positivos na produtividade.

Nas entrelinhas, o cultivo pode ser iniciado no outono. Deve-se evitar o cultivo com arado, particularmente de discos, em razão dos danos causados no sistema radicular dos pessegueiros, o que reduz a produtividade e a longevidade do pomar.

A utilização de enxada rotativa também deve ser evitada, principalmente em solos com textura fina. Esse procedimento desestrutura o solo, pulverizando-o. Nessas condições, após uma chuva, forma-se uma crosta na superfície do terreno, diminuindo a permeabilidade à água, ao ar, comprometendo o bom desenvolvimento do pessegueiro e facilitando a erosão.

Grades leves, tipo off set, podem ser usadas desde que o solo esteja em condições de friabilidade.

Quando as entrelinhas são mantidas relvadas, é facilitada a passagem das máquinas para execução dos tratamentos fitossanitários e demais tratamentos culturais motomecanizados.

### **Manejo das plantas daninhas**

É recomendável que o solo dos pomares, na linha de plantas, ou seja, na área efetivamente explorada pelo sistema radicular das frutíferas, seja mantido livre de qualquer tipo de vegetação que possa competir com o pessegueiro no período compreendido, principalmente, entre a floração e a maturação dos frutos, mas estendendo-se até a queda das folhas.

Na fase de formação dos frutos, é muito importante que não haja concorrência por água e nutrientes, principalmente em solos com baixa fertilidade natural e pouco profundos.

Capinas mecânicas, quando executadas a tempo, contornam a presença indesejável das plantas invasoras. Quando é utilizado o controle químico, recomenda-se que a aplicação de herbicidas pós-emergentes seja feita em dias de sol.

Sementes de espécies invasoras conservam, no solo, o poder germinativo durante muito tempo. A adoção de práticas culturais que impeçam as plantas invasoras de sementarem fará com que, com o passar dos anos, o número de espécies seja reduzido. Há também que se levar em consideração que o corte das plantas favorece a penetração da luz, induzindo a germinação de sementes de espécies que requeiram luminosidade para o desencadeamento do processo germinativo. Este fenômeno poderá proporcionar o aparecimento de espécies cujas sementes estavam submetidas a um processo de quiescência.

A eliminação das espécies invasoras deve se restringir à área explorada pelo sistema radicular das frutíferas. Em muitos casos, dependendo das espécies invasoras, do regime de chuvas e da disponibilidade de mão de obra, a capina manual torna-se impraticável ou ineficiente. Uma capina eficiente seguida da aplicação de um herbicida pré-emergente permite, em certas situações, que a área tratada fique livre das plantas invasoras por um período superior a cinco meses.

Podem também ser utilizados herbicidas com ação pós-emergente; neste caso, entretanto, as invasoras devem ter altura máxima de 25 cm. Geralmente, herbicidas pós-emergentes não têm ação sobre as sementes, sendo inativados pelos colóides do solo.

Muitas vezes não é levado em consideração que a dosagem recomendada para a aplicação de um herbicida é feita em termos de área. Em um hectare de pomar, sendo utilizado um espaçamento de 6 m entre linhas, descontadas as irregularidades do terreno e as estradas, têm-se, em geral, 15 linhas a cada 100 m. Considerando-se que a faixa a ser isenta de plantas invasoras seja de 1 m para cada lado da planta, tem-se uma área de 30 metros x 100 metros em cada hectare de pomar. Ou seja, 1 ha de pomar equivale a 30% em área a ser tratada com herbicida, quando comparado a um cultivo anual.